

Campus Realengo

Bacharelado em Terapia Ocupacional

ANNA LUIZA DE CASTRO D'AVILA E

ÍRIS MARQUES GONÇALVES SILVA

**Consenso e controvérsias das evidências
científicas sobre os conceitos dos Transtornos
Específicos da Aprendizagem e Dificuldades de
Aprendizagem**

Rio de Janeiro

2023

ANNA LUIZA DE CASTRO D' AVILA
ÍRIS MARQUES GONÇALVES SILVA

**Consenso e controvérsias das evidências científicas sobre os conceitos dos
Transtornos Específicos da Aprendizagem e Dificuldades de aprendizagem**

Trabalho de conclusão de curso
apresentado ao Instituto Federal de
Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de
Janeiro, como requisito parcial para a
obtenção do grau de Bacharel em Terapia
Ocupacional.

Orientador: Professora Mestre Márcia
Cristina de Araújo Silva

Rio de Janeiro

2023

ANNA LUIZA DE CASTRO D' AVILA
ÍRIS MARQUES GONÇALVES SILVA

**Consenso e controvérsias das evidências científicas sobre os conceitos dos
Transtornos Específicos da Aprendizagem e Dificuldades de aprendizagem**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Instituto Federal de
Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de
Janeiro, como requisito parcial para a
obtenção do grau de Bacharel em Terapia
Ocupacional.

Aprovado em ____/____/____

Banca Examinadora

Prof^a Mestre Márcia Cristina de Araújo Silva – (Orientadora - IFRJ)

Prof^a Dra. Susana Engelhard Nogueira (Membro titular - IFRJ)

Prof^a Dra. Adriana Renata Sathler de Queiroz (Membro titular - IFRJ)

Prof^a Mestre Marcelle Carvalho Queiroz Graça (Membro suplente - IFRJ)

AGRADECIMENTOS

Em primeiro plano, gostaríamos de agradecer àquelas que estavam por perto sofrendo, sorrindo e somando em toda a nossa trajetória acadêmica, nossas amigas Karine, Priscila e Vitoria. Sem elas não teríamos conseguido concluir o curso, pois nossa amizade e parceria foram essenciais para que nos tornássemos as pessoas e as profissionais que somos hoje. Levaremos um pouco de cada uma para sempre em nossas vidas, o carisma e a alegria da Karine, a doação de carinho, amor e atenção da Priscila e a leveza e a simplicidade da Vitoria.

À nossa professora, orientadora e amiga, Márcia Cristina de Araújo, agradecemos pelo apoio, escuta e dedicação. Obrigada por sempre compartilhar seu conhecimento, por acreditar em nós e em nossa parceria.

Anna: À minha avó Aldir e minha tia avó Alcir, por todo o auxílio e incentivo dado para meus estudos desde sempre. Não teria conseguido chegar onde cheguei se eu não tivesse o apoio de vocês. Obrigada por sempre se interessarem pelos meus estudos e pela minha formação. Ao meu avô Dario, que apesar da distância tenho certeza que estava torcendo pelo meu sucesso e me acompanhando em cada passo. Sua força ai de cima foi fundamental para eu chegar até aqui.

Aos meus pais, por todo esforço, paciência e dedicação que sempre tiveram comigo e com meus estudos. Sem vocês, com toda certeza, eu não alcançaria tantos objetivos e metas. Obrigada por estarem comigo nesta caminhada. Ao meu companheiro, João Victor, que passou o nervosismo do ingresso à faculdade e agora ao término dela, junto comigo. Agradeço a compreensão por eu, muitas vezes, não ter tempo para estar com você, agradeço pelas conversas e palavras de incentivo dados durante todo esse processo. Obrigada por escutar meus desabafos e inquietações quanto aos meus estágios, minhas reuniões e meu TCC.

À minha dupla e amiga, Íris Marques. Obrigada por me chamar para fazer parte deste trabalho, sua parceria foi indispensável neste momento. Obrigada por não desistir e não soltar minha mão em meio a tantos altos e baixos que passamos para finalizar este trabalho. Todas as brigas, risadas e estresses valeram a pena para chegarmos até aqui, parabéns pela profissional que você se tornou, tenho muito orgulho de nós.

Íris: Aqui vai meu agradecimento à minha amiga Anna Luiza por toda parceria e cumplicidade, por ter topado realizar esse trabalho comigo e por ter acreditado que em meio às tempestades tudo daria certo. De você eu levo a vontade de viver cada momento com toda a intensidade e a alegria que você emana.

Gostaria de agradecer à minha família, pois se estou aqui, prestes a terminar a graduação, foi graças a eles e por eles. Meu pai sempre foi minha inspiração e grande incentivador, obrigada por ter despertado em mim o interesse de sempre estar estudando e buscando o meu melhor, e se cheguei até aqui foi porque você acreditou e apostou em mim, sou imensamente grata por te ter como pai.

Não poderia deixar de mencionar três mulheres que possuo grande admiração e que são a minha base. Minha mãe Eliane, que sempre me escutou, aconselhou e me deu acalento em momentos difíceis. A minha querida avó Maria Gessy, que devo tudo a ela, foi ela que me criou e que me ensinou a amar tanto Deus quanto amar e respeitar o próximo. E ao falar em Deus, sou imensamente grata a Ele por ter me dado a oportunidade de ter você ao meu lado e por você poder me ver conquistando mais uma vitória na minha/nossa vida. Outra mulher fantástica é a minha tia, mais chegada para uma mãe, que esteve e está comigo em todos os momentos com a maior prestatividade do mundo, sou privilegiada em ter três mães e mulheres tão incríveis e batalhadoras para usar de espelho!

Também queria agradecer ao meu irmão por todo companheirismo, aos meus primos e tios Édina, Fábio, Marcos, Liliane, Édson, Cátia, André e Alessandra, obrigada por sempre incentivarem a minha jornada. Ao meu companheiro Claudio, que esteve comigo desde a preocupação de qual faculdade eu ingressaria até a rotina pesada de estágios, faculdade e confecção do TCC. Obrigada por ter me escutado desabafar tantas e tantas vezes, pelas palavras de conforto e incentivo quando pensava que não conseguiria, por ser um dos meus alicerces quando pensava que o mundo iria desabar. Sou grata por toda a nossa caminhada até aqui e pelo longo percurso que ainda virá para nós dois. Também quero te agradecer por ter me presenteado com uma sogra/amiga, Cristina, que possui os melhores conselhos e risadas, e por toda a sua família que me acolheu de braços abertos.

Anna e Íris: Obrigada por todos aqui mencionados e por aqueles que não foram, mas sabem que contribuíram para que nós chegássemos até aqui. Sem vocês nós não conseguiríamos, muito obrigado por tudo, amamos vocês!

FICHA CATALOGRÁFICA

CIP - Catalogação na Publicação

S586c Silva, Íris Marques Gonçalves
Consenso e controvérsias das evidências científicas sobre os conceitos de Transtorno Específico da Aprendizagem e Dificuldade de Aprendizagem / Íris Marques Gonçalves Silva, Anna Luiza de Castro D'Avila - Rio de Janeiro, 2023.
33 f. : il. ; 297 cm.

Orientação: Márcia Cristina de Araújo Silva.
Trabalho de conclusão de curso (graduação), Bacharelado em Terapia Ocupacional, Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro, Campus Realengo, 2023.

1. Transtorno Específico da Aprendizagem. 2. Dificuldade de Aprendizagem. I. Silva, Márcia Cristina de Araújo, **orient.** II. Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro. III. Título

Elaborado pelo Módulo Ficha Catalográfica do Sistema Intranet do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro - Campus Volta Redonda e Modificado pelo Campus Nilópolis/LAC, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Bibliotecária: Alane Elias Souza - CRB7 6321

RESUMO

O Transtorno Específico da Aprendizagem (TA) e a Dificuldade de Aprendizagem (DA) são condições que afetam negativamente o processo de ensino-aprendizagem das crianças. Sendo assim, o TA se caracteriza como um transtorno do neurodesenvolvimento, permanente e de origem biológica e são conhecidos como dislexia, discalculia, disgrafia e disortografia. Já a DA é transitória, advinda de fatores externos como problemas familiares, socioeconômicos e emocionais. Contudo, na literatura tem sido muito comum a utilização desses termos como sinônimos em diversos tipos de produção científica. Com isso, o objetivo desse trabalho foi verificar se há ou não consenso na literatura sobre a definição e aplicação dos termos Transtorno Específico da Aprendizagem e Dificuldade de Aprendizagem. A partir da seleção de artigos, percebeu-se uma variação no referencial teórico usado pelos autores para conceituação da DA. No entanto, muitos utilizaram o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-V) para caracterizar o TA. Dos oito estudos selecionados, duas pesquisas não se aprofundaram no tema, e outros dois não informaram adequadamente qual o embasamento teórico. Apenas em dois artigos o uso dos termos estava correto. Infere-se, portanto, que houveram melhorias nas pesquisas sobre a temática, porém observa-se a necessidade de um consenso por parte daqueles que se debruçam no assunto para que o uso dos construtos seja adequado para evitar divergências teóricas e as consequências que isso pode trazer como a banalização medicamentosa e a patologização inapropriada.

Palavras-chave: Transtorno Específico da Aprendizagem; Dificuldade de Aprendizagem; escola; criança; educação.

ABSTRACT

Specific Learning Disorder ([TA]) and Learning Difficulties ([DA]) are conditions that negatively affect children's process of learning. Therefore, [TA] is characterized as a neurodevelopment disorder, permanent and biologically originated, it may be associated to dyslexia, dyscalculia, dysgraphia and dysorthography. [DA] on the other way is transitory, being caused by external variables such as domestic issues, socioeconomic and emotional. However, quite often these terms might end up distorted and used as synonyms in literature. Check if there is or isn't consensus on literature about the definition and usage of the terms Learning Difficulties ([DA]) and Specific Learning Disorder ([TA]). From the selected articles, it's noted that most of the authors are medicine professors. Furthermore, the theoretical references for the conceptualization of the terms varied from [DA] and [TA], many used [DSM-V]. At the end, it was concluded that among the eight selected articles, two researches didn't go deeper into the topic, and another two didn't inform the used references, one article had misconceptions about the theoretical outline, on another one text and terms were used as synonyms. Only in two articles the usage was accurate. There have been improvements researching the theme, but the need of consensus from those whom play a part on the matter is notable so the use of the therms can be appropriate to avoid theoretical divergences and the consequences this could bring, such as medication overload and inappropriate pathologization.

Keywords: Specific Learning Disorder; Learning Difficulties; school; children; education.

SUMÁRIO

1. Introdução.....	9
2. Método.....	13
3. Resultados.....	14
4. Discussão.....	20
5. Considerações finais.....	26
6. Referências.....	28

1. INTRODUÇÃO

A educação é uma ocupação fundamental na vida das crianças, pois é na fase escolar que se inicia o processo de ensino-aprendizagem, no qual elas irão vivenciar novas experiências que são características próprias desse ambiente (OLIVEIRA, 2021). Antunes (2004) já afirmava que a educação na infância representa tudo que embasa a vida dos pequenos e, sem ela, não há nada. Nesse período, há um volume maior de estímulos variados que promovem a aquisição de habilidades cognitivas, emocionais, motoras, sociais e culturais, essenciais para o desenvolvimento posterior das crianças (BORSA, 2007; SILVA, 2017).

A escolarização se inicia juntamente com a fase pré-operatória descrita por Piaget (1983), que acontece entre dois e seis anos. Nessa fase, a criança amplia a compreensão do mundo ao seu redor, passa a conviver com seus pares de idade e vivencia experiências que intensificam a aquisição de habilidades próprias da sua faixa etária (PIAGET, 1983).

Contudo, observa-se que algumas crianças apresentam algum tipo de incapacidade que compromete seu desempenho acadêmico e mesmo com apoio da escola, em muitos casos, a aprendizagem é insatisfatória para o ano escolar no qual está inclusa (SOUSA, 2014).

Na atualidade, tem-se investigado os prejuízos que tanto o Transtorno Específico da Aprendizagem (TA) quanto a Dificuldade de Aprendizagem (DA) podem ocasionar no desempenho escolar, a participação e interação social e os aspectos emocionais (VICHINSKY, 2023).

Estima-se que 5% a 15% das crianças que estão na fase escolar possuem TA e cerca de 5% a 20% daquelas que estão no primeiro ano escolar possuem DA (APA, 2014; COSENZA; GUERRA, 2011).

No que tange especificamente ao TA, sua definição consta no Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-V) (APA, 2014, p. 68):

“Transtorno do neurodesenvolvimento com uma origem biológica que é a base das anormalidades no nível cognitivo as quais são associadas com as manifestações comportamentais. A origem biológica inclui uma interação de fatores genéticos, epigenéticos e ambientais que influenciam a capacidade do cérebro para perceber ou processar informações verbais ou não verbais com eficiência e exatidão” (APA, 2014, p. 68).

Dessa forma, o TA caracteriza-se pela incapacidade persistente e não transitória no aprendizado acadêmico básico que surge com a maturação cerebral e

compromete a fluência verbal, a leitura, sua interpretação e compreensão, além de impactar a expressão escrita, o raciocínio lógico para a matemática e os cálculos. Os sinais e sintomas são perceptíveis e diagnosticáveis durante a fase de escolarização formal e são mais comuns em crianças do sexo masculino. Conforme a APA (2014), o TA não pode ser atribuído a fatores extrínsecos por se tratarem de desordem neurobiológica.

Os termos comumente utilizados para denominar especificamente cada um dos tipos de TA são: dislexia, discalculia, disgrafia e disortografia. Acerca da dislexia, é possível afirmar, conforme o DSM-V (APA, 2014), que a criança possui dificuldade na leitura e reconhecimento preciso ou fluente de palavras, problemas de decodificação e na ortografia. A criança pode também, em muitos casos, tentar adivinhar o que é lido e, para além disso, a interpretação textual e a produção da escrita estão aquém do esperado para a idade.

Já no que se refere à discalculia, a criança irá demonstrar dificuldade na realização de atividades matemáticas básicas. Dessa forma, há uma alteração no processamento das informações numéricas, déficit na compreensão e na interpretação de dados aritméticos e nas atividades de cálculo (APA, 2014; SOBREIRA, 2021).

A disortografia, segundo Casal (2013) e Santos (2014), é um TA específico da escrita que se caracteriza pela escrita incorreta das palavras, com erros estruturais e organizacionais perceptíveis que comprometem a aprendizagem da criança. Assim, os erros ortográficos mais evidentes estão relacionados à substituição, omissão, junção ou separação, inversão, adição de letras e erros de pontuação e acentuação (APA, 2014; PONÇADILHA, 2016).

Por fim, a disgrafia está associada à escrita, porém relacionada às questões motoras da criança. De acordo com o DSM-V, há presença de um déficit na expressão da escrita, no qual se observa lentidão, letra ilegível e, assim como os outros, não é associada a questões intelectuais (APA, 2014).

O diagnóstico da dislexia, bem como dos outros tipos de TA, são realizados pelo psiquiatra e os sintomas devem perdurar por mais de seis meses, além disso, é necessária uma avaliação abrangente para que o diagnóstico seja fechado. É relatado no DSM-V (APA, 2014, p. 70):

“[...] transtorno específico da aprendizagem só pode ser diagnosticado após o início da educação formal [...]. Nenhuma fonte única de dados é suficiente para o diagnóstico de transtorno específico da aprendizagem. Ele baseia-se

na síntese da história médica, de desenvolvimento, educacional e familiar do indivíduo; [...] incluindo sua manifestação atual e prévia [...] em avaliações de base curricular; e em escores prévios e atuais resultantes de testes individuais padronizados de desempenho acadêmico” (APA, 2014, p. 70).

A DA, muitas vezes confundida com o TA, é definida como desempenho escolar incompatível com a capacidade cognitiva da criança e a sua dificuldade ultrapassa a de seus pares. Geralmente a DA é transitória, resistente ao esforço pessoal e dos professores e pode surgir a partir de diferentes fatores extrínsecos, tais como problemas familiares, separação dos pais, desorganização da rotina diária, excesso de atividades extracurriculares, problemas com drogas e álcool, violência, efeitos de medicação, nível socioeconômico, questões emocionais, desregulação do sono, problemas no método de ensino, a não adaptação escolar, dentre outros (SOUSA, 2014; TEIXEIRA; VALENTE, 2019).

Rotta, Ohlweiler e Riesgo (2016) classificaram os fatores em três grupos: 1 - fatores relacionados com a escola; 2 - fatores relacionados com a família; 3 - fatores relacionados à criança.

Para além disso, Rotta, Ohlweiler e Riesgo (2016) afirmam que há outras questões externas que podem ser desfavoráveis à criança:

1. Sala de aula: espaço inadequado, pouca luminosidade, temperatura incompatível com a estação do ano, problemas com a acústica e estética;
2. Condições pedagógicas: material didático adotado pela escola é muito complexo, métodos de ensino não atendem às demandas dos alunos e a relação com a família não é bem estabelecida;
3. Corpo docente: falta de capacitação, pouco incentivo, baixa motivação e ausência de acolhimento pela direção.

Desse modo, a DA é uma questão mais genérica que abarca diversas questões que podem ser prejudiciais ao processo de ensino-aprendizagem com consequência direta sobre o rendimento acadêmico. A criança não consegue aprender adequadamente e em alguns casos pode reprovar o ano escolar (CHIARAMONTE; CAPELLINI, 2019; TEIXEIRA; VALENTE, 2019).

Infere-se, portanto, que apesar de TA e DA perpassarem no mesmo contexto, é pertinente destacar que ambos possuem conceitos distintos. Contudo, durante toda a trajetória acadêmica no curso de Terapia Ocupacional foi possível perceber que em alguns referenciais teóricos, tais termos eram utilizados como sinônimos e com

definições entrelaçadas, dificultando a compreensão e a diferenciação entre TA e DA. Desse modo, o presente estudo tem como objetivo verificar se há ou não consenso na literatura sobre a definição e aplicação dos termos Transtorno Específico da Aprendizagem (TA) e Dificuldade de Aprendizagem (DA).

2. MÉTODO

Este trabalho é uma revisão integrativa da literatura e foram seguidas as etapas conforme estipuladas por Souza, Silva e Carvalho (2010), sendo elas a elaboração da pergunta norteadora, busca ou amostragem na literatura, coleta de dados, análise crítica dos estudos incluídos, discussão dos resultados e por último a apresentação da revisão integrativa.

O recorte temporal foi de cinco anos, ou seja, os artigos analisados foram publicados entre janeiro de 2019 e maio de 2023, no idioma português. As pesquisas transcorreram entre fevereiro de 2023 e maio de 2023, por meio de busca avançada na base de dados *Redalyc* e na fonte de busca Biblioteca Virtual em Saúde (BVS).

Como descritores, foram utilizados os seguintes termos: transtorno da aprendizagem, dificuldade de aprendizagem, criança e escola. A fim de ampliar a pesquisa, também foram adicionados os termos de busca dislexia, discalculia, disgrafia e disortografia. Os operadores booleanos “AND” e “OR” foram usados nas combinações como estratégia de busca, sendo elas efetuadas igualmente de forma escalonada em todas as 28 pesquisas tanto na *Redalyc* quanto na BVS, por exemplo, "dificuldade de aprendizagem" AND "escola" AND "criança" AND "dislexia" OR "transtorno de aprendizagem"; "dificuldade de aprendizagem" AND "escola" AND "criança" AND "disgrafia" OR "transtorno de aprendizagem"; "dificuldade de aprendizagem" AND "escola" AND "criança" AND "disortografia" OR "transtorno de aprendizagem" e "dificuldade de aprendizagem" AND "escola" AND "criança" AND "discalculia" OR "transtorno de aprendizagem".

Foram excluídas produções repetidas, revisões de literatura, estudos com público alvo de ensino superior e obras que tangenciaram o tema proposto. Destaca-se que a definição do termo Transtorno Específico da Aprendizagem foi feita conforme o DSM-V (APA, 2014). Já para a definição do termo Dificuldade de Aprendizagem, a definição foi embasada em Sousa (2014).

3. RESULTADOS

A seleção do *corpus* da pesquisa foi feita com base nos critérios metodológicos e, como está demonstrado no quadro 1, obtiveram-se 584 estudos, com um total de 445 repetições. Após a análise dos textos na íntegra, foram selecionados 8 artigos. Salienta-se que o maior número de artigos foi achado na base de dados *Redalyc*.

Tabela 1: Seleção de Artigos

Fonte de busca	Artigos	Repetições	Resumos	Texto completo	Total revisado
Redalyc	516	404	109	8	5
BVS	68	41	20	8	3
Total	584	445	129	16	8

Fonte: Elaborado pelas autoras (2023).

Os artigos analisados estão dispostos na tabela 2 por ordem alfabética, autores e ano de publicação, título do estudo, profissão dos autores e local de publicação. Observou-se que as publicações aconteceram entre 2019 e 2022.

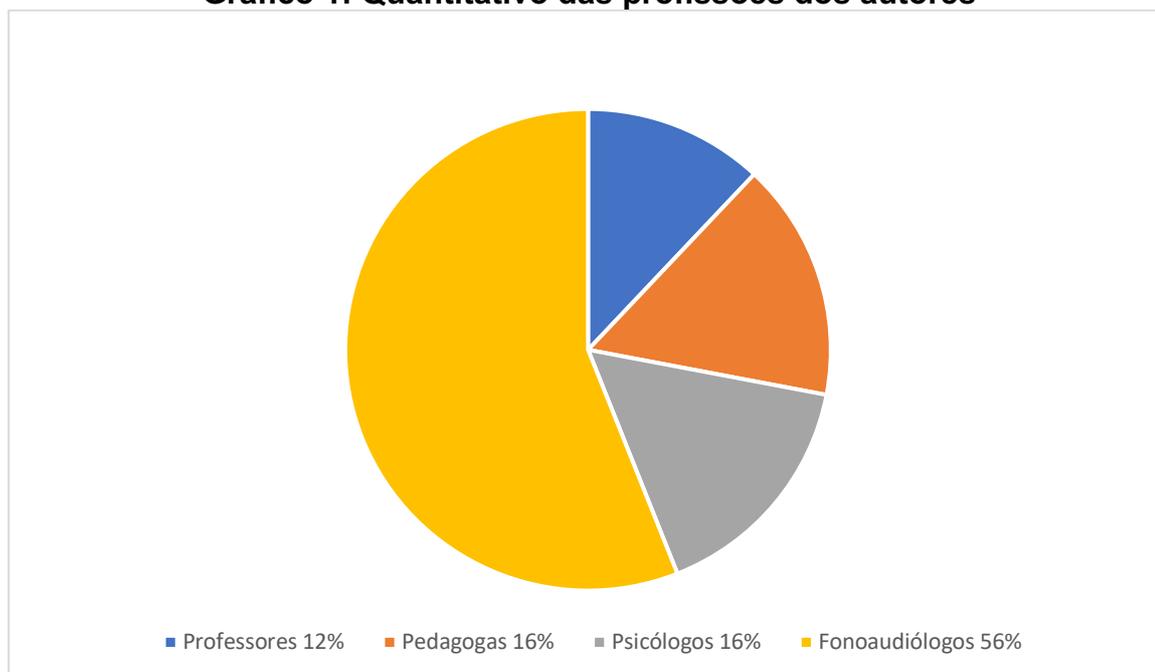
Tabela 2: Caracterização do corpus da pesquisa

Nº	Autor da obra e ano de publicação	Título do estudo	Profissão dos autores	Local de publicação
1	Alcantara <i>et al</i> (2021)	Desempenho em vocabulário receptivo e variáveis sociodemográficas em escolares com queixa de dificuldades de aprendizagem	Fonoaudiólogo	Rio Grande do Norte
2	Avila e Lara, (2021)	Subteste de aritmética: desempenho de estudantes com indícios de discalculia do desenvolvimento	Pedagoga	Bahia
3	Azoni <i>et al</i> (2022)	Processamento fonológico e leitura em crianças com dificuldade de aprendizagem em escolas bilíngues português-inglês: relatos de casos	Professores e Fonoaudiólogas	São Paulo
4	Chiaramonte e Capellini (2022)	Desempenho ortográfico de escolares com dislexia e Dificuldades de Aprendizagem	Fonoaudióloga e professora	Araraquara
5	Gonçalves e Silva (2020)	Prática de intervenção fonológica associada à leitura nas dificuldades de aprendizagem	Fonoaudióloga	Campos dos Goytacazes
6	León <i>et al</i> (2019)	Construção e validação de instrumento para avaliar conhecimentos de universitários sobre transtorno específico da aprendizagem	Pedagogas, Professor de Educação Física e Psicólogos	Londrina
7	Matos e Santos (2021)	Discalculia e Educação: Quais Conhecimentos os Professores Possuem Acerca deste Tema	Pedagogas	São Paulo
8	Prioste (2020)	Hipóteses docentes sobre o fracasso escolar nos anos iniciais do Ensino Fundamental	Psicóloga e Professora	São Paulo

Fonte: Elaborado pelas autoras (2023).

Quanto à formação principal dos profissionais que publicaram os artigos, observa-se no gráfico 1 que 14 (56%) são fonoaudiólogos, 4 (16%) são psicólogos, 4 (16%) pedagogos e 3 (12%) são professores. Ressalta-se que 10 desses profissionais também trabalham como professores de graduação em sua respectiva especialidade.

Gráfico 1: Quantitativo das profissões dos autores



Fonte: Elaborado pelas autoras (2023).

Na tabela 3 estão descritos os objetivos dos estudos, a fundamentação teórica utilizada pelos autores para conceituar “Transtorno Específico da Aprendizagem” (TA) e “Dificuldade de Aprendizagem” (DA) e também se os pesquisadores diferenciavam os termos ou os usavam como sinônimos. Embora os referenciais para DA tenham sido variados, no que se refere aos TAs, na maioria dos estudos o DSM-V (APA, 2014), foi utilizado para defini-los.

Tabela 3: Diferenciação entre Transtorno Específico de Aprendizagem e Dificuldade de Aprendizagem

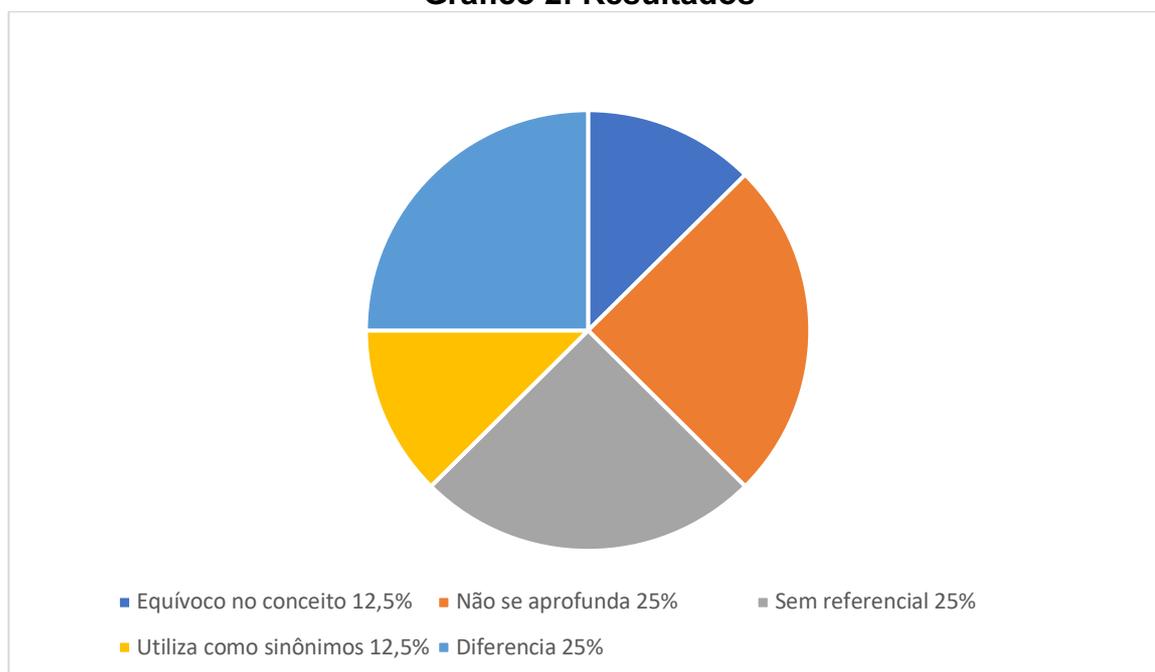
Nº	Objetivo do estudo	Fundamentação teórica do Transtorno Específico da Aprendizagem (TA)	Fundamentação teórica de Dificuldade de Aprendizagem (DA)	Transtorno Específico da Aprendizagem x Dificuldade de Aprendizagem
1	Descrever e relacionar o desempenho do vocabulário receptivo em escolares com dificuldades de aprendizagem de diferentes gêneros, escolaridades e níveis socioeconômicos.	APA, 2014.	Michelino, <i>et al.</i> , 2017; Rodrigues <i>et al.</i> , 2019.	Os autores diferenciam os termos, porém equivocam-se ao afirmar que ao citar que as DAs podem evoluir para os TAs.
2	Analisar a evolução do desenvolvimento das habilidades matemáticas desses estudantes, após a realização de intervenções psicopedagógicas.	APA, 2014.	Relvas, 2015; Fonseca, 2000.	Os autores diferenciam os termos corretamente.
3	Caracterizar o desempenho em processamento fonológico e leitura em três casos de crianças com dificuldade de aprendizagem em escolas bilíngues português-ínglês.	APA, 2014.	Os autores não apresentam a base teórica	Os autores diferenciam os termos corretamente, contudo, não se aprofundam no conceito de TA.
4	Caracterizar e comparar o desempenho ortográfico dos escolares com Dislexia, Dificuldades de Aprendizagem e bom desempenho acadêmico. Participaram 75 escolares, de 9 a 11 anos de idade, divididos em 3 grupos e pareados por diagnóstico e ano escolar.	APA, 2014.	Rebelo, 1993; Marchesi, 1995; Dias; Seabra, 2015. Martin; Montiel;	Os autores diferenciam os termos corretamente. Entretanto, equivocam-se ao afirmar que as DAs podem ser duradouras ou passageiras. Ao se pesquisar a base teórica para entender melhor sua alegação, não foram encontrados autores que fizessem a mesma afirmativa.
5	Comparar a eficácia de uma intervenção fonológica associada à leitura em escolares com e sem dificuldades de aprendizagem.	Rotta; Ohlweiler; Riesgo, 2006.	Monteiro; Soares, 2014.	Os autores diferenciam os termos, contudo, consideram que as DAs podem ser permanentes. Ao se pesquisar a base teórica para entender melhor sua alegação, não foram encontrados autores que fizessem a mesma afirmativa.

6	Construir um questionário que avalia conhecimentos sobre TA e verificar suas propriedades psicométricas mediante estudo piloto junto a estudantes de pedagogia ingressantes e concluintes.	APA, 2014	Os autores não apresentam a base teórica	Os autores diferenciam os termos corretamente.
7	Visou investigar a percepção dos professores de escolas de anos iniciais do Ensino Fundamental em uma cidade do interior do estado de São Paulo, região de Marília, a respeito do transtorno da aprendizagem denominado discalculia, suas características e formas de manifestações entre as crianças.	APA, 2014	Os autores descrevem o termo, no entanto não apresentam a base teórica	Os autores diferenciam os termos corretamente, entretanto, persistem em utilizar os termos DA e TA como sinônimos.
8	Identificar as hipóteses docentes sobre as dificuldades na aprendizagem escolar e analisar alguns aspectos subjacentes às explicações dadas por eles.	Collares; Moysés, 2010	Mortatti, 2013 e 2016	Os autores diferenciam os termos corretamente, contudo, não se aprofundam no conceito de TA.

Fonte: Elaborado pelas autoras (2023).

Contudo, como demonstrado no gráfico 2, 12,5% (n=1) dos artigos foi identificado um equívoco quanto o arcabouço teórico acerca dos termos (tabela 3); em 25% (n=2), os autores não se aprofundaram sobre os conceitos de TA e DA; em outros 25% (n=2), verificou-se que os autores não informaram o referencial utilizado; em 12,5% (n=1), TA e DA foram utilizados no texto como sinônimos embora os pesquisadores os tenham definido corretamente e somente em 25% (n=2) dos artigos a conceituação e uso dos termos foram feitos corretamente.

Gráfico 2: Resultados



Fonte: Elaborado pelas autoras (2023).

4. DISCUSSÃO

Os TAs são definidos pelas suas características de serem transtornos do neurodesenvolvimento e, por conseguinte, acompanharão a pessoa durante toda sua vida (APA, 2014). Para além disso, observa-se que, ao contrário das DAs, os TAs não podem ser relacionados com a falta de oportunidade ou problemas no método de ensino ou a questões emocionais, econômicas e/ou sociofamiliares (TEIXEIRA; VALENTE, 2019). Desse modo, é uma inabilidade específica no que tange a escrita, leitura e/ou matemática, na qual os indivíduos acometidos apresentam um rendimento escolar abaixo do esperado para a idade e nível de escolarização (ROTTA; OHLWEILER; RIESGO, 2016).

Já no que diz respeito ao termo DA, seu uso é mais amplo, uma vez que pode indicar diversas situações que são determinantes de dificuldades da criança no aprendizado independente de suas funções neurológicas (TEIXEIRA; VALENTE, 2019). Rotta, Ohlweiler e Riesgo (2016) afirmam que as DAs são decorrentes de questões transitórias e que estão relacionadas a 3 fatores: a escola, a família e a criança, em conformidade ao que é apresentado na literatura que versa sobre o tema, como por exemplo na obra de Viana e Santos (2021).

A DA pode ser consequência de questões vindas dos familiares que afetam o psicológico da criança, como falta de estrutura familiar, desemprego dos pais, falta de diálogo e de incentivo por parte dos mesmos, assim como a escola também pode contribuir negativamente para a aprendizagem do aluno. Algumas escolas sofrem com a falta de material didático, ambiente escolar inadequado, bullying, salas de aula superlotadas e em muitas delas, os professores não recebem assistência de profissionais da área, corroborando para o desempenho escolar abaixo do esperado (VIANA; SANTOS, 2021).

Assim, é necessário compreender que a aprendizagem é um processo gradual e contínuo, na qual cada aluno tem seu próprio ritmo e singularidade. Sempre é esperado um processo de aprendizagem totalitário e satisfatório, mas para alguns alunos, esse processo pode se tornar um grande desafio, seja por questões já mencionadas, como os familiares, escolares e até mesmo questões próprias da criança (VIANA; SANTOS, 2021).

Alcantara *et al.* (2021), correlacionam em seu estudo as dificuldades de aprendizagem com o fator família ao analisar os impactos do baixo nível socioeconômico na escolarização e ensino das crianças. Contudo, no decorrer do artigo, mencionaram que escolares com DA correm o risco de desenvolver possíveis transtornos.

Na literatura médica, o transtorno específico da aprendizagem é persistente ao longo da vida e, como já explicitado, tem origem biológica, por vezes neurológica ou orgânica, ou seja, é advindo da constituição fisiológica humana (APA, 2014; STÜRMER, 2019). Constata-se, portanto, que questões associadas à baixa renda e níveis de escolaridade do grupo familiar, como apontado por Alcantara *et al.* (2021), não são preditores para transtorno específico da aprendizagem, mas podem contribuir para que a criança apresente DA em algum momento de sua vida.

Outrossim, Chiaramonte e Capellini (2022) descreveram TA e DA corretamente e se aprofundaram sobre a Dislexia, ou seja, sobre o transtorno específico da aprendizagem associado à leitura e à escrita conforme está no DSM-V (APA, 2014). As dificuldades de aprendizagem descritas pelas autoras estão corroboradas com Sousa (2014) por se tratarem de fatores da criança que tem problemas para acompanhar seus pares, sendo obstáculos durante o processo de aprendizagem do aluno.

Gonçalves e Silva (2020) caracterizam TA por modificações neurológicas que acarretam em falhas no processo da aprendizagem e DA sendo de origem extrínseca podendo ser relacionada ao conteúdo pedagógico, questões familiares, relacionamento aluno/professor, etc. Entretanto, com base no estudo de Monteiro e Soares (2014), a DA tem caráter permanente. Ao procurar no referencial teórico utilizado no texto não foi possível encontrar trechos que confirmassem essa citação.

Desse mesmo modo, Chiaramonte e Capellini (2022), apesar do relato coeso sobre o fator "criança", relataram que as DAs podem ser "duradouras ou passageiras, com maior ou menor intensidade" baseando-se no estudo de Dias, Montiel e Seabra (2015). Entretanto, assim como no artigo anterior, não foi encontrado nessa literatura referenciada trechos que confirmassem tal afirmação, impossibilitando a análise e discussão acerca do assunto por não estar subsidiado do embasamento teórico utilizado.

No tocante ao referencial bibliográfico, identificou-se que os autores dos artigos revisados utilizaram diversas correntes de pensamento na conceituação de DA. No

entanto, para definir TA, o documento utilizado foi o DSM-V em cinco artigos e nos outros três estudos, o termo foi conceituado por meio de outros autores, sendo eles Van Viersen, *et al.*, (2017); Rotta; Ohlweiler; Riesgo, (2016) e Collares; Moysés, (2010).

Avila e Lara (2021) basearam-se em Fonseca (2000) e Relvas (2015) na definição de DA e para TA: Kosci (1974), Ohlweiler (2006) e Relvas (2015). Para as pesquisadoras, bem como para León *et al.* (2019), o DSM-V (APA, 2014) foi a referência utilizada para definir TA. Esses autores explicam que o TA é uma incapacidade específica que interfere nas habilidades acadêmicas e associam DA a problemas impermanentes, tais como conteúdo escolar, mudanças bruscas no núcleo familiar, perdas de entes queridos e baixo interesse.

Em congruência, outros pesquisadores também lançam mão de variadas publicações para corroborar a definição desses conceitos, tais como Stürmer (2019), cujo relato sobre DA compreende que é uma defasagem na aquisição de habilidades escolares, no entanto, sem causa evidente, associadas a problemas nas relações sociais e em situações frustrantes para a criança. Além disso, disserta que o TA traz consigo diversas inferências funcionais negativas, pois causa um baixo rendimento acadêmico e crescimento da taxa de evasão escolar que nem sempre é identificado naqueles que têm DA.

Já Azoni *et al.* (2022) e Prioste (2020) não se aprofundaram nas definições dos termos, principalmente sobre o TA, contudo, trouxeram elementos que exprimem concepções e distinções corretas quando afirmam que prejuízos na leitura podem ter variadas origens, podendo ser uma alteração de origem biológica, associando ao TA.

Sobre DA, Prioste (2020) aponta que o desenvolvimento da aprendizagem pode ser atravessado por questões passageiras cujo tratamento não deve ser o que é preconizado para as condições de saúde de ordem mental.

Assim como outros autores listados, Matos e Santos (2021) conceituam corretamente os termos, dando enfoque à Discalculia que, segundo a Academia Americana de Psiquiatria (2014), é a dificuldade em aprender matemática com falhas para adquirir domínio nesta área. Além disso, utilizaram Campos (2014) para relatar que a discalculia é um transtorno específico da aprendizagem relacionando-a a uma desordem originada doravante de uma disfunção.

Entretanto, no decorrer do texto, é possível observar que tais autores utilizam os termos Transtorno Específico da Aprendizagem e Dificuldade de Aprendizagem

como sinônimos, sendo exemplificado no trecho que mencionava que a discalculia pode estar relacionada a outras dificuldades de aprendizagem, dando o exemplo logo em seguida do Déficit de Atenção e Hiperatividade. De acordo com essa frase, dá a entender que a discalculia foi considerada como uma dificuldade de aprendizagem mesmo após a explicação dada no texto que a discalculia é um transtorno específico da aprendizagem. A dúvida que paira é o porquê da persistência em utilizar os termos como sinônimos se todos demonstram saber a definição correta deles.

Uma hipótese para a persistência em entrelaçar os termos seria o interesse da indústria farmacêutica em medicalizar casos que não são necessários (PRIOSTE, 2020). Conforme a autora, a dificuldade de aprendizagem não surge de um fator neurobiológico, como o TA, e sim de fatores externos, não se tornando necessário medicalização desses casos, contudo, essa unificação dos termos nos referenciais teóricos facilita para que dúvidas surjam acerca do tema e que ocorram inversões teóricas. Concomitantemente, o mercado produz métodos para lucrar sobre aqueles cujo rendimento escolar esteja abaixo do esperado, conseguindo, assim, expandir seus produtos para o público infantil (PRIOSTE, 2020).

Concernente a isso, Serafin e Pereira (2015) relatam que a não compreensão da diferenciação entre os termos TA e DA faz com que haja encaminhamentos dos estudantes para médicos, desencadeando uma epidemia de diagnóstico e prescrições medicamentosas que, porventura, são desnecessárias. Nessa conjectura, alguns autores indicam que alunos com TA podem ser supermedicados e receberem dosagem maior que a necessária, pois o remédio, na maioria dos casos, é tratado como solução mágica ou como medida paliativa, esquecendo que por si só o fármaco não faz com que a criança tenha o aprendizado adequado (EIDT, 2009; MEIRA, 2012).

Contudo, isso não significa que as crianças que estão nessa situação não precisem de tratamento médico, psicológico e de remédios. O que se traz aqui é a banalização do uso de medicamentos e o processo de patologização desnecessário (CRUZ; OKAMOTO; FERRAZZA, 2016; PRIOSTE, 2020).

Para mais, Relvas (2015) relata a importância de uma equipe multidisciplinar competente para que haja sucesso na intervenção, sendo necessário que os profissionais atuem de forma integrada com a família e com a escola, com o intuito de obter melhor desempenho do processo ensino-aprendizagem.

É possível observar que, no decorrer dos anos, a literatura vem aperfeiçoando a conceituação de TA e DA apesar dos erros recorrentes (STÜRMER, 2019). Importante salientar que após a edição de 2014 do DSM-V, o termo TA ficou mais esclarecido a partir de sua definição feita pelo documento (APA, 2014), facilitando, então, a distinção dos termos. Com isso, outra possível hipótese para a convergência entre os termos TA e DA seriam encontrados em maior quantidade em textos mais antigos, como no estudo de Correia (2004) e Oliveira e Castanharo (2008) que explicitam essa conjuntura (Sánchez, 2004).

Sendo assim, Correia (2004) conceitua DA como específica e relacionada à dislexia, disgrafia e discalculia, sendo elas permanentes, intrínsecas, orgânicas e um conjunto de desordens neurológicas. Tais afirmações já foram refutadas no presente artigo por diversos autores e referências, como APA (2014), Santos (2014), Rotta, Ohlweiler e Riesgo (2016), Sousa (2014) e Teixeira e Valente (2019), pois tudo que o autor Correia (2004) alegou poderia ser relacionado a TA e não a DA.

Já no de Oliveira e Castanharo (2008), DA foi definida por meio do conceito de TA que está na Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde, 10ª revisão - CID 10 (OMS, 2003), e logo após frisou que há diversas conceituações para DA, considerando, assim, que DA e TA são sinônimos.

Ainda, Campos (1997), apesar de ser uma literatura mais antiga, já relatava a grande incidência da utilização inadequada entre os termos TA e DA e isso ocorre por ser um recurso para rotular o estudante pelo seu fracasso. Paralelo a isso, em 2004, Sánchez frisa que, nos tempos atuais, já há informação suficiente para que não haja equívocos e confusões sobre a terminologia do que é Transtorno Específico da Aprendizagem e Dificuldade de Aprendizagem.

Destarte, é notório que na literatura persiste o uso de TA e DA como sinônimos apesar de haver distinção entre eles. Isso denota que alguns pesquisadores, apesar de terem ciência das diferenças, ainda os usam de forma inadequada, causando confusão entre os leitores e divulgação de evidências científicas equivocadas.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A fase escolar é um período fundamental para o desenvolvimento infantil, mas a criança pode ter prejuízos causados tanto pelos Transtornos Específicos da Aprendizagem quanto pelas Dificuldades de Aprendizagem. Tais construtos, apesar de serem percebidos no contexto escolar e ambos afetarem negativamente o desempenho acadêmico, possuem diferentes definições, etiologias, investigações e intervenções.

Conforme observado neste estudo, compreendeu-se que o TA tem origem neurobiológica, ou seja, é um fator intrínseco e de caráter permanente e os estudantes possuem alterações no processamento da informação verbal e não verbal. A literatura aponta que há quatro tipos distintos desse transtorno, definidos como dislexia, discalculia, disgrafia e disortografia e correspondem diretamente à habilidade comprometida. Já a DA é transitória e pluricausal pelos diversos fatores extrínsecos que podem desencadeá-la e, muitas vezes, está associada a questões familiares, da escola ou até mesmo da própria criança.

Por meio desta pesquisa foi possível verificar que ainda há incongruências na terminologia e definição desses termos e autores correlacionam alguns aspectos de TA e DA, utilizando-os como sinônimos, além do uso de um termo para explicar o outro. Assim, pesquisadores vêm empregando conceitos equivocados em seus estudos com embasamento teórico confuso e destoante do que é preconizado na atualidade.

Outro aspecto preocupante foi identificar que, em alguns estudos, os pesquisadores fazem afirmativas que confundem o leitor e deixam ainda mais dúvidas na diferenciação dos construtos. Alguns asseguram que a DA pode evoluir para o TA e outros tantos apontam para o caráter ora permanente ora duradouro das dificuldades de aprendizagem. No entanto, na busca pelo referencial teórico utilizado por estes autores não foi possível encontrar nenhum trecho que embasasse suas afirmativas.

Uma vez que a definição de TA e DA são bem estabelecidas pela literatura vigente, a exemplo o DSM-V (2014), não cabe mais esse tipo de confusão na produção de evidências que podem interferir nos estudos de outros pesquisadores ou profissionais da saúde e da educação.

Algumas hipóteses para o uso indevido de TA como sinônimo de DA e vice-versa pode ser explicado por questões mercadológicas da indústria farmacêutica. O interesse no seu próprio lucro faz com que haja uma disseminação de medicamentos direcionados ao público infantil que é facilitada quando se mantém o entrelaçamento dos termos nos referenciais teóricos.

Desse modo, contribui-se para o excesso de encaminhamentos médicos que deixam a entender que há uma epidemia de TA e, conseqüentemente, o tratamento pode ser equivocado nos casos de crianças que estejam passando por questões diversas e que podem apresentar dificuldade de aprendizagem e que, na verdade, não apresentam transtorno específico da aprendizagem.

Outra questão que parece explicar os termos TA e DA serem considerados como sinônimos é o fato dessa relação ser encontrada em artigos mais antigos, o que contradiz a informação amplamente difundida, esclarecida e oriunda de evidências científicas confiáveis.

Frente ao discorrido, apesar de haver melhorias nas pesquisas sobre a temática abordada, observa-se ainda a necessidade de um consenso por parte daqueles que se debruçam no assunto, para que o uso dos construtos seja adequado de modo a evitar divergências teóricas. Apesar das observações feitas neste estudo, foi possível identificar que o consenso nos artigos revisados é tênue e carece de aprofundamento teórico para se evitar que TA seja compreendida como sinônimo de DA e vice-versa.

A limitação desta pesquisa está relacionada ao tamanho do *corpus* analisado e ao idioma utilizado, que foi somente em português. No entanto, espera-se ter contribuído para que mais estudos sobre o tema sejam realizados.

6. REFERÊNCIAS

ALCANTARA, Hellen França *et al.* Desempenho em vocabulário receptivo e variáveis sociodemográficas em escolares com queixa de dificuldades de aprendizagem. **Audiology - Communication Research**, v. 26, p. 1-6, 2021. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/journal/3915/391566650035/>>. Acesso em: 12 set. 2023.

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. **DSM-V: Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais**. 5 ed. Porto Alegre: Artmed Editora Ltda, 2014, p. 992.

ANTUNES, Celso. **Educação infantil: prioridade imprescindível**. 2 ed.: Editora Vozes, 2004.

AVILA, Lanuzia Almeida Brum; LARA, Isabel Cristina Machado. Subteste de aritmética: desempenho de estudantes com indícios de discalculia do desenvolvimento. **Práxis Educacional**, v. 17, n. 45, p. 1-19, 2021. Disponível em: <<https://periodicos2.uesb.br/index.php/praxis/article/view/7207>>. Acesso em: 20 ago. 2023.

AZONI, Cíntia Alves Salgado *et al.* Processamento fonológico e leitura em crianças com dificuldade de aprendizagem em escolas bilíngues português-inglês: relatos de casos. **Distúrbios da Comunicação**, v. 34, n. 1, 2022. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/dic/article/view/52385>>. Acesso em: 23 out. 2023.

BORSA, Juliane Callegaro. **O papel da escola no processo de socialização infantil**. 2007. 5 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Psicologia, Pucrs, Rio Grande do Sul, 2007. Disponível em: <<http://www.psicologia.pt/artigos/textos/A0351.pdf>>. Acesso em: 1 set. 2023.

CAMPOS, Ana Maria Antunes. **Discalculia: superando as dificuldades em aprender Matemática**. Rio de Janeiro: Wak Editora; 2014.

CAMPOS, Luciana M. Lunardi. A rotulação de alunos como portadores de distúrbios ou dificuldades de aprendizagem: uma questão a ser refletida. **Série ideias**, v. 28, p. 125-140, 1997. Disponível em: <https://www.larpsi.com.br/media/mconnect_uploadfiles/c/a/cap_01_84_.pdf>. Acesso em: 1 set. 2023.

CASAL, Carlos Jorge Ferreira. **Disortografia: a escrita criativa na reeducação da escrita**. 2013. 201 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Ciências da Educação – Educação Especial, Domínio Cognitivo e Motor, Universidade Fernando Pessoa, Porto.

CHIARAMONTE, Thaís Contiero; CAPELLINI, Simone Aparecida. Relação do perfil de erros de leitura e escrita na dislexia e dificuldades de aprendizagem. **Revista Teias**, Rio de Janeiro, v. 20, n. 58, p. 319-329, 2019. Disponível em <http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1982-03052019000300319&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 16 out. 2023.

CHIARAMONTE, Thaís Contiero; CAPELLINI, Simone Aparecida. Desempenho ortográfico de escolares com dislexia e dificuldades de aprendizagem. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, p. 314-327, 2022. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/journal/6198/619872110019/>>. Acesso em: 18 set. 2023.

COSENZA, Ramon M.; GUERRA, Leonor B. **Neurociência e educação: como o cérebro aprende**. Porto Alegre: Artmed Editora Ltda, 130-151 p. 2011.

COLLARES, Cecília Azevedo Lima; MOYSÉS, Maria Aparecida Affonso. Dislexia e TDAH: uma análise a partir da ciência médica. In: CRP-SP. Conselho Regional de Psicologia de São Paulo. Grupo Interinstitucional Queixa Escolar. **Medicalização de crianças e adolescentes: conflitos silenciados pela redução de questões sociais a doenças de indivíduos**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2010. p.71-110.

CORREIA, Luís de Miranda. Problematização das dificuldades de aprendizagem nas necessidades educativas especiais. **Análise psicológica**, v. 2, n. 22, p. 369-376, 2004. Disponível em: <https://repositorio.ispa.pt/handle/10400.12/5967>. Acesso em: 23 set. 2023.

CRUZ, Murilo Galvão Amancio; OKAMOTO, Mary Yoko; FERRAZZA, Daniele de Andrade. O caso Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH) e a medicalização da educação: uma análise a partir do relato de pais e professores. **Interface-Comunicação, Saúde, Educação**, v. 20, p. 703-714, 2016. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/icse/a/8wZkDY9NRYkHMRMtrwRw5gc/?lang=pt>>. Acesso em: 1 set. 2023.

DIAS, Natália M.; MONTIEL, José M.; SEABRA, Alessandra G. Desenvolvimento e interação entre desempenho escolar, reconhecimento de palavras e compreensão auditiva e de leitura. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v. 28, n. 2, p. 404-415, 2015. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/prc/a/yQLtqSF5TWMC7cSYCZ6vfx/?lang=en>>. Acesso em: 23 set. 2023.

EIDT, Nadia Mara. O desenvolvimento cultural da atenção: contribuições para a superação do processo de medicalização da infância. **Encontro Nacional da ABRAPSO**, v. 15, 2009.

FONSECA, Vitor. **Abordagem psicopedagógica das dificuldades de aprendizagem**. 2. ed. Lisboa: Âncora, 2000.

GONÇALVES, Andreza do Vale; SILVA, Cláudia. Prática de intervenção fonológica associada à leitura nas dificuldades de aprendizagem. **Revista Vértices**, v. 22, n. 2, p. 355-367, 2020. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/journal/6257/625764627024/>>. Acesso em: 18 set. 2023.

KOSC, Ladislav. *Developmental Dyscalculia*. **Journal of Learning Disabilities can be found at**, v.7, n. 3, p.163-177,1974.

LEÓN, Camila Barbosa Ricardi *et al.* Construção e validação de instrumento para avaliar conhecimentos de universitários sobre transtorno específico da aprendizagem. **Estudos Interdisciplinares em Psicologia**, v. 10, n. 3, p. 121, 2019. Disponível em: <<https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/eip/article/view/31962/26615>>. Acesso em: 23 set. 2023.

MATOS, Edneia Felix; SANTOS, Daniela Miranda Fernandes. Discalculia e educação: quais conhecimentos os professores possuem acerca deste tema. **Revista Psicopedagogia**, São Paulo, v. 38, n. 116, p. 272-283,2021. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-84862021000200011&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 23 out. 2023.

MEIRA, Marisa Eugênia Melillo. Para uma crítica da medicalização na educação. **Psicologia Escolar e Educacional**, v. 16, p. 136-142, 2012. Disponível em: <<https://www.scielo.br/jj/pee/a/Fbgwty4bzXgVTcdqwjFQNHK/abstract/?lang=pt>>. Acesso em: 9 set. 2023.

MONTEIRO, Sara Mourão; SOARES, Magda. Processos cognitivos na leitura inicial: relação entre estratégias de reconhecimento de palavras e alfabetização. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 40, p. 449-466, 2014. Disponível em: <<https://www.scielo.br/jj/ep/a/nn9b37JZD3xhp7kKsWRJjgh/?lang=pt>>. Acesso em: 23 set. 2023.

OHLWEILER, Lygia. Introdução. In: ROTTA, Newra Tellechea; OHLWEILER, Lygia; RIESGO, Rudimar dos Santos. (Orgs). **Transtornos da aprendizagem: Abordagem neurobiológica e multidisciplinar**. São Paulo: Artes Médicas, 2006. p. 127-130.

OLIVEIRA, Cacineli; CASTANHARO, Regina. O terapeuta ocupacional como facilitador do processo educacional de crianças com dificuldades de aprendizagem. **Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional**, v. 16, n. 2, 2008.

OLIVEIRA, Maria José Sousa. **Memorial acadêmico e ludicidade na formação em pedagogia: diálogo e reflexões**. 2021. 20 f. TCC (Graduação) - Curso de Pedagogia, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2021.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. **CID-10**: Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde. 10ª Revisão. São Paulo, v.1, 2003.

PIAGET, Jean. **A Epistemologia Genética; sabedoria e Ilusões da Filosofia**: problemas de psicologia genética. 2. ed. São Paulo, 1983.

PONÇADILHA, Jaila do Carmo Neves. **Disortografia**: das concepções de professores e gestores às práticas pedagógicas e medidas educativas. 2016. 53 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Docência e Gestão da Educação, Universidade Fernando Pessoa, Porto, 2016.

PRIOSTE, Cláudia. Hipóteses docentes sobre o fracasso escolar nos anos iniciais do Ensino Fundamental. **Educação e Pesquisa**, v. 46, 2020. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/ep/a/SWXzFfpTCnLsHXYDc755gjF/?lang=pt>>. Acesso em: 06 out. 2023.

RELVAS, Marta. **Neurociências e transtornos de aprendizagem**: as múltiplas eficiências para uma Educação Inclusiva. Rio de Janeiro: Wak Ed., 2015.

ROTTA, Newra Tellechea; OHLWEILER, Lygia; RIESGO, Rudimar dos Santos (org.). **Transtornos da aprendizagem**: abordagem neurobiológica e multidisciplinar. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2016. 512 p.

SÁNCHEZ, Jesús-Nicasio García. **Dificuldades de Aprendizagem e Intervenção Psicopedagógica**. Porto Alegre: Artmed, 2004. Disponível em: <https://www.larpsi.com.br/media/mconnect_uploadfiles/c/a/cap_01_84_.pdf>. Acesso em: 16 set. 2023.

SANTOS, Sirley Geyziana Brito. **Disortografia: avaliação e intervenção no 5º ano do ensino fundamental**. 2014. 33 f. TCC (Graduação) - Curso de Psicopedagogia, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2014. Disponível em: <<https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/123456789/16123/1/SGBS11092014.pdf>>. Acesso em: 05 out. 2023.

SERAFIN, Elaine Cristina Bortolatto; PEREIRA, Antonio Serafim. Dificuldades de aprendizagem no contexto das produções acadêmicas brasileiras (2001-2011). **Roteiro**, v. 40, n. 2, p. 419-436, 2015. Disponível em: <<https://periodicos.unoesc.edu.br/roteiro/article/view/6887/13827>>. Acesso em: 8 set. 2023.

SILVA, Stefânia; MONTEIRO, Stephanie Souza; RODRIGUES, Marinéa Figueira. A importância da Educação Infantil para o pleno desenvolvimento da criança. **Revista Mosaico**, v. 2, n. 8, p. 30-38, 2017.

SOBREIRA, André A. *et al.* Dificuldades de aprendizagem: uma revisão de literatura sobre disgrafia e discalculia. **Pesquisa, Sociedade e Desenvolvimento**, v. 10, n. 2, 2021. Disponível em: <<https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/12564>>. Acesso em: 11 out. 2023.

SOUSA, Francisca Maria Alves de Andrade (comp.). Distúrbios e Dificuldades de Aprendizagem: uma perspectiva de interface entre saúde e educação. *In*: SAMPAIO, Simaia; FREITAS, Ivana Braga de (org.). **Transtornos e dificuldades de aprendizagem**. 2. ed. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2014. Cap. 1. p. 14-31.

SOUZA, Marcela Tavares; SILVA, Michelly Dias da; CARVALHO, Rachel de. Revisão integrativa: o que é e como fazer. **Einstein**. São Paulo, p. 102-106. out. 2010.

STÜRMER, Patrícia Aparecida. **Dificuldades de aprendizagem nos anos iniciais do ensino fundamental**: análise dos encaminhamentos escolares à equipe multidisciplinar da educação. 2019. 188 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Professor, Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Francisco Beltrão.

TEIXEIRA, Renata Dutra de Oliveira; VALENTE, Leonardo Valesi. Déficits cognitivos entre crianças em idade escolar com transtornos de aprendizagem: revisão de publicações nacionais. **Psicologia Argumento**, v. 95, n. 37, p. 100-124, 2019. Disponível em: <<https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/psi-72245>>. Acesso em: 02 set. 2023.

VIANA, Fernanda Jaylane da Silva; SANTOS, Pedro Fernando. Fatores que ocasionam as dificuldades de aprendizagem das crianças. **Id on Line Revista de Psicologia**. v. 15, n. 57, p. 779-787, 2021. Disponível em: <<https://idonline.emnuvens.com.br/id/article/view/2089>>. Acesso em: 1 set. 2023.

VICHINSKY, Flávio Garcia. Dificuldades ou Transtornos de Aprendizagem? São Paulo: **GESTÃO & EDUCAÇÃO**, v. 6, n. 04, p. 67 a 74-67 a 74, 2023. Disponível em: <<http://revista.faconnect.com.br/index.php/GeE/article/view/211/193>>. Acesso em: 16 out. 2023.

VIERSEN, Sietske Van *et al.* Atraso no desenvolvimento precoce do vocabulário em crianças com risco familiar de dislexia. 4. ed. **J Speech Lang Hear Res.**, v. 60, p. 49-937, 2017.